ReGeo ISSN: 2177-3246

# A EXPERIÊNCIA DE ESCOLARIZAÇÃO NAS TRAMAS DA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

# THE SCHOOLING EXPERIENCE IN THE THREATS OF GENDER PERFORMATIVITY AND SEXUAL ORIENTATION

# LA EXPERIENCIA DE ESCOLARIZACIÓN EN LAS TRAMAS DE LA PERFORMATIVIDAD DE GÉNERO Y ORIENTACIÓN SEXUAL

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-183

**Data de submissão:** 28/08/2026 **Data de publicação:** 28/09/2026

**Romualdo da Silva Sales**
Doutor em Ciências Sociais
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: romualldosales@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5333-8780

**Lemuel Dourado Guerra**
Doutor em Sociologia
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: lenksguerra@yahoo.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6636-5294

## RESUMO

Este artigo objetiva problematizar as configurações que enformam a experiência de escolarização sob o recorte de gênero e orientação sexual. As experiências sociais e subjetivas se configuram como construídas nas tramas das relações de poder e nas sociabilidades historicamente condicionadas. É desse campo que os sujeitos são interpelados pelas normas sociais e institucionais e elaboram suas interpretações acerca de suas performances de gênero e orientação sexual. Nessa perspectiva, a experiência de escolarização funciona como uma dobradiça que articula as dimensões de reprodução da performatividade de gênero e orientação sexual ao respeito à diversidade. Este trabalho apresenta um recorte de pesquisa no qual recorremos, em termos de metodologia, à observação direta de inspiração etnográfica para coleta de informações e produção de dados. Conforme o material analisado, a experiência de escolarização se estabelece como ambivalente, produzindo a manutenção da performatividade tradicional de gênero e da heteronormatividade, ao mesmo tempo que enuncia sua intenção de estimular o respeito às diferenças, embora, na tessitura das relações cotidianas, a primeira dimensão seja proeminente.

**Palavras-chave:** Experiência de Escolarização. Ambiguidade. Gênero. Orientação Sexual.

## ABSTRACT

This article aims to problematize the configurations that shape the schooling experience from the perspective of gender and sexual orientation. Social and subjective experiences are configured as constructed in the webs of power relations and historically conditioned sociability. It is in this field that subjects are challenged by social and institutional norms and develop their interpretations regarding their gender and sexual orientation performances. From this perspective, the schooling experience functions as a hinge that articulates the dimensions of reproduction of performativity of

gender and sexual orientation with respect for diversity. This work presents a research section in which we resort, in terms of methodology, to direct observation of ethnographic inspiration to collect information and produce data. According to the material analyzed, the schooling experience is established as ambivalent, producing the maintenance of traditional gender performativity and heteronormativity, at the same time that it enunciates its intention to encourage respect for differences, although, in the fabric of everyday relationships, the first dimension is prominent.

**Keywords:** Schooling Experience. Ambiguity. Gender. Sexual Orientation.

**RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo problematizar las configuraciones que conforman la experiencia de escolarización bajo el recorte de género y orientación sexual. Las experiencias sociales y subjetivas se configuran como construidas en las tramas de las relaciones de poder y en las sociabilidades históricamente condicionadas. Es desde este campo que los sujetos son interpelados por las normas sociales e institucionales y elaboran sus interpretaciones acerca de sus performances de género y orientación sexual. En esa perspectiva, la experiencia de escolarización funciona como una bisagra que articula las dimensiones de reproducción de la performatividad de género y orientación sexual al respeto de la diversidad. Este trabajo presenta un recorte de investigación en el cual recurrimos, en términos de metodología, a la observación directa de inspiración etnográfica para recolección de información y producción de datos. Conforme el material analizado, la experiencia de escolarización se establece como ambivalente, produciendo el mantenimiento de la performatividad tradicional de género y de la heteronormatividad, al mismo tiempo que enuncia su intención de estimular el respeto a las diferencias, aunque, en la tesitura de las relaciones cotidianas, la primera dimensión sea prominente.

**Palabras clave:** Experiencia de Escolarización. Ambigüedad. Género. Orientación Sexual.

## 1 INTRODUÇÃO

A experiência de escolarização sob o recorte de gênero e orientação sexual é constituída por duas dimensões que, em alguns aspectos, se apresentam de forma antagônica, atuando, entretanto, em simbiose na incidência sobre as relações sociais e simbólicas estabelecidas nos espaços escolar e extraescolar: a primeira delas volta-se para a produção e reprodução das assimetrias de gênero e orientação sexual, atuando no controle das expressões da dissidência relacionadas a estas variáveis nos espaços públicos de sociabilidade; a segunda opera na chave do respeito à diversidade numa perspectiva humanista, enquanto mantém a reprodução das hierarquias sociais, discursivas e epistemológicas que enformam a produção de corpos e subjetividades funcionais às dinâmicas de dominação, conforme argumenta Foucault (1999).

Enquanto efeitos das injunções de práticas discursivas e epistemológicas, as experiências sociais e subjetivas são elaboradas nas tramas das relações de poder e atravessadas pelos condicionamentos históricos e socioculturais a partir dos quais emergem e se tornam reconhecidas pelas normas sociais (Scott,1998). É na tessitura desses arranjos que algumas experiências são produzidas e vivenciadas, sendo atravessadas pelas normas socioculturais em dominância no tecido social como inteligíveis, visíveis e enunciáveis, ao mesmo tempo em que outras aparecem como abjetas, inconcebíveis, invisíveis e indizíveis. Esse processo performativo agencia as estratégias de governamentalidade[1] que orientam os sentidos e significados atribuídos às mesmas.

A experiência de escolarização, recortada para fins de análise através das variáveis gênero e orientação sexual, agencia a produção de corpos e subjetividades. Nesse campo de reflexão encontramos substrato para problematizar como as performances de gênero e de orientação sexual ganham contornos de legitimidade e abjeção. No espaço escolar, os discursos circulantes situam a cisgeneridade como natural, ao mesmo tempo em que posicionam a transgeneridade e outras configurações de gênero como desvios. No recorte da sexualidade, ao apelar para os discursos normativos em dominância no tecido social, a heterossexualidade é altamente valorizada, enquanto as sexualidades que destoam dela ocupam espaços desprivilegiados nas relações intersubjetivas e institucionais.

A identificação dessas hierarquias durante o trabalho de campo para coleta de informações durante a nossa pesquisa desenvolvida no espaço escolar, evidencia que os sujeitos são investidos pelos

[1] A partir das análises de Foucault (2008), entendemos governamentalidade como a injunção de estratégias disciplinar e biopolítica que organizam as relações sociais e são agenciadas pelo Estado. Estas garantem a instauração de formas de governo da população de forma mais ampla, assim como se dobram sobre os indivíduos através de técnicas de cuidado de si. O *modus operandi* desses agenciamentos colocados em funcionamento a partir dessa dobra produz a figura do sujeito moderno, sempre assujeitado pelas relações de poder e pelos discursos que lhe traz à existência.

discursos em dominância na sociedade envolvente e, nessas condições, constroem interpretações dos seus corpos, gêneros, orientações sexuais, desejos e afetos. Ao entrarem em contato com as dinâmicas de subalternidade estabelecidas e direcionadas pelas normas sociais aos dissidentes em relação às normatizações em dominância, estes são tensionados a estabelecerem estratégias de negociação performática para que não sejam posicionados como abjetos e sofram as punições a eles direcionadas.

Como amplamente analisado por Miskolci (2017), o funcionamento da heteronormatividade atua construindo os sujeitos nas suas experiências convergentes e dissidentes em relação ao gênero e à orientação sexual. Estas são enformadas pelas normas vigentes, bem como pelas punições e estigmatizações por elas estabelecidas, definindo a posição direcionada aos indivíduos considerados dissidentes caso coloquem em suspeição os mecanismos de sustentação das mesmas, sendo suas existências e performances constantemente vigiadas, questionadas e negociadas.

Embora exista todo um aparato da governamentalidade voltado para a reprodução das assimetrias de gênero e orientação sexual, nas últimas décadas, através das lutas por reconhecimento de suas pautas, movimentos sociais, a exemplo dos movimentos feminista e LGBTQIAPN+, têm promovido algumas fissuras nas estratégias de controle e dominação exercidas através da *performatividade* de gênero e da *heteronormatividade*. Desse modo, o discurso do respeito à diversidade entra em cena na mídia, nas políticas públicas e chega ao espaço escolar. Contudo, pensando com Foucault (1999), isto não representa o afrouxamento das normas sociais, mas uma inflexão desse discurso capturado pelos mecanismos de reprodução daquelas, haja vista que através da ambiguidade do apelo humanista, as hierarquias sociais se mantêm em reprodução sem maiores questionamentos.

A partir das questões ora apresentadas, objetivamos problematizar como a ambivalência estabelecida entre as dimensões de controle das expressões da dissidência referidas às variáveis supracitadas e a concepção de respeito à diversidade atua na construção da experiência dos indivíduos com a escolarização, focalizando o gênero e a orientação sexual.

Este trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa doutoral desenvolvida em 2022 em duas escolas da rede estadual da Paraíba, ambas situadas na cidade de Campina Grande - PB. Embora a pesquisa tenha apresentado uma configuração mais ampla, inclusive em termos metodológicos, utilizaremos apenas as informações registradas em diário de campo durante a observação direta de inspiração etnográfica desenvolvida em uma das instituições. Os nomes que aparecem no texto são criações dos autores deste manuscrito objetivando preservar as identidades dos sujeitos, bem como das respectivas instituições que nos serviram de campo de investigação empírica.

A observação direta de inspiração etnográfica se configura como importante para compreender os sentidos e significados que constroem as tramas das relações de poder que organizam o campo de investigação empírica. Esta metodologia permitiu apreender como a tessitura das relações escolares enformam a experiência dos sujeitos, sobretudo a partir do funcionamento do circuito de uma *economia das performances de gênero e orientação sexual*. A economia das *performances* de gênero e orientação sexual compreende as configurações acerca do funcionamento figurativo em termos mercadológicos das referidas performances, assim como das camadas e subcamadas de estabelecimento de regimes regulatórios de inteligibilidade, visibilidade e dizibilidade de gênero e de orientação sexual.

A partir das análises de Bourdieu (2007; 2008) em relação ao funcionamento da economia dos bens simbólicos e linguísticos, com sua analogia com a lógica de mercado, articuladas às contribuições teóricas de Butler (2019; 2020) e Miskolci (2017) relativas às configurações que regem os regimes de inteligibilidade e visibilidade de gênero e orientação sexual, é possível evidenciar o funcionamento de uma *economia das performances de gênero e orientação sexual* nos espaços escolar e extraescolar. Nesse circuito de produção, circulação e consumo, as performances cisheterossexuais ocupam posições altamente valorizadas, haja vista sua adequação as normatizações socioculturais; numa camada intermediária aparecem as performances cishomossexuais que não quebram os códigos binários de gênero e numa esfera menos valorizada aparecem as configurações transgêneras/transexuais, uma vez que estas possuem a potencialidade de questionar os arranjos binários de gênero e de orientação sexual que circulam na sociedade envolvente.

Em relação às hierarquias dos corpos, Butler (2020) demonstra as camadas e subcamadas que enformam as experiências de performances de corporalidade no tecido social, especificamente as relacionadas aos marcadores de gênero e sexualidade, sendo algumas vidas definidas como passíveis e outras não passíveis de luto. Entre estas podemos destacar as vidas consideradas, pelos discursos normatizadores, como elimináveis legitimamente para que a reprodução das assimetrias de gênero e orientação sexual sejam mantidas em funcionamento.

As contribuições de Butler (2019; 2020) são importantes para compreender as tramas das relações de poder que constituem os *regimes de inteligibilidade* das experiências escolares convergentes e dissidentes de gênero e orientação sexual, bem como o funcionamento da *performatividade* que atua nos espaços escolar e extraescolar. Miskolci (2017) fornece as bases teórico-metodológicas para apreender as camadas que organizam os *regimes de visibilidade e invisibilidade* costurados pelas teias discursivas que orientam as performances de gênero e orientação sexual, condicionando as experiências dos sujeitos que constituem o campo de pesquisa analisado. Deleuze

(2005), em suas análises sobre os estratos que constituem as formações históricas, evidencia que estas respondem aos *regimes de verdade* que circulam no tecido social. Nesse sentido, as estratégias de enunciação se encontram condicionadas ao funcionamento de *regimes de dizibilidade* que tornam enunciáveis algumas camadas e silenciam outras em relação às variáveis aqui analisadas.

A conexão entre o funcionamento dos regimes de inteligibilidade, visibilidade e dizibilidade de gênero e de orientação sexual à analítica de Foucault (1999; 2010), evidencia a existência de uma complexa teia de discursos e práticas que rege a vida social e constitui as experiências das quais os sujeitos emergem. A atuação da escola, nesse sentido, é fundamental para circulação de uma *economia das performances de gênero e orientação sexual* que produz e situa os sujeitos temporal e espacialmente. Se trata de um movimento que atua na dimensão *biopolítica*, através das técnicas de controle da dissidência, ao mesmo tempo em que tenta minimizar as estratégias de resistência utilizando o verniz de respeito à diversidade no sentido de desmobilização política nesses espaços.

## 2 GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E PODER NA TESSITURA DA EXPERIÊNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO

Os estudos de gênero e sexualidade têm demonstrado a complexidade que constitui as experiências dos sujeitos, afetando suas posições no tecido social. Ainda na década de 1940, com *O Segundo Sexo* (1970), Beauvoir propõe o sexo/gênero como social e existencialmente construídos. Ao enunciar que '*não se nasce mulher, torna-se'*, a autora desloca os discursos que associam gênero aos atributos sexuais. Contudo suas análises ainda carregadas pelos discursos dicotômicos instaurados pela modernidade, reproduzem a dicotomia natureza/cultura como dimensões separadas. Nessa inflexão desenvolvida por ela, ao deslocar o gênero da dimensão biológica cai-se na armadilha da compulsão cultural.

Desdobrando as análises de Beauvoir, Scott (1995) compreende que o gênero é um dos principais mecanismos pelos quais as experiências dos sujeitos são constituídas. Ao recorrer, em alguns aspectos, ao pensamento de Foucault, a historiadora argumenta que o gênero é construído nas tramas das relações de poder historicamente situadas

Propondo uma linha de interpretação das variáveis gênero e sexualidade a partir da injunção de práticas discursivas e epistemológicas que regem os corpos, gêneros e sexualidades e os posicionam o tecido social, Butler (2019; 2020) inaugura uma linha de análise que apresenta estas categorias enquanto 'efeitos' do funcionamento da *performatividade* que marca os limites da inteligibilidade que as regem. A partir desta chave analítica é possível compreender os elementos que constituem as

variáveis mencionadas para além da concepção de identidades, sendo estas forjadas pelas práticas discursivas orientadas pelas relações de poder que as produzem e dão suporte.

Butler (2020, p. 313) define *performatividade* como uma "modalidade específica de poder como discurso". Nesse sentido, a autora compreende a existência de uma teia complexa de discursos reiteráveis que rege a vida social, sendo os corpos, performances de gênero e orientação sexual, desejos e afetos 'efeitos' desta. Não se trata de uma livre vontade dos sujeitos, mas o funcionamento de relações de poder que inscrevem nestes modos de interpretar as relações sociais e as suas próprias subjetividades. Essa guinada heurística apresentada por esta perspectiva evidencia que não existe gênero e orientação sexual antes das normas, mas a partir da atuação das mesmas.

> Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero (Butler, 2019, p. 30-31).

É na tessitura das relações de poder que as configurações binárias e a heteronormatividade ganham substancialidade nos corpos e em suas performances, sendo os discursos hegemônicos responsáveis por fazer funcionar uma linguagem racional que estabelece os limites da inteligibilidade de gênero e de orientação sexual. Estas variáveis pensadas a partir desse referencial, são articuladas através da atuação dos *regimes de inteligibilidade*, em conformidade com os *regimes de visibilidade, dizibilidade* e da *heteronormatividade*, num processo que tenta estabelecer uma ordem que agencie e conecte sexo, gênero, práticas sexuais e desejo.

No campo mais específico da sexualidade, Foucault (1999), particularmente na *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, argumenta que a sexualidade se configura como um dispositivo histórico de poder, instaurado através de dimensões discursivas que objetivam estabelecer regimes de verdade. Através de suas análises arquegenealógicas, fornece condições para pensar a sexualidade como parte do processo de constituição do sujeito moderno, assujeitado ao conjunto de práticas discursivas e epistemológicas.

> Se a sexualidade se constituiu como domínio a conhecer, foi a partir de relações de poder que a instituíram como objeto possível; e em troca, se o poder pôde tomá-la como alvo, foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos (Foucault, 1999, p. 93).

A analítica foucaultiana defende que a sexualidade é enformada por *regimes de verdade*, constituídos por uma maquinaria discursiva que produz corpos e subjetividades. Os

esquadrinhamentos dos corpos a partir dos saberes da medicina e particularmente da psiquiatria; o pastorado cristão e os discursos e saberes pedagógicos, para citar algumas dimensões, atuam no sentido de produzir os sujeitos generificados e sexuados.

Segundo Foucault (1999), a sexualidade ganha uma forte ênfase no século XIX no ocidente, estabelecendo-se as fronteiras de uma *biopolítica* que atua como estratégia de governo da população. É nesse contexto que surgem os discursos que produzem a figura do homossexual, a caça à criança masturbadora e tantos outros mecanismos que dão contornos ao desvio, à perversão sexual, delimitando o campo da *normalidade*. No esforço para garantir a reprodução de uma ordem pautada na heterossexualidade como modelo-padrão, uma gama de saberes é acionada. Nesse contexto, a escola capitaneia a formatação dos corpos e subjetividades em múltiplas áreas, incluindo a sexualidade.

Os discursos colocados em funcionamento no tecido social ganham denotação de verdades e, desse modo, estabelecem *regimes de inteligibilidade, visibilidade e dizibilidade* que orientam as relações sociais de forma mais ampla, bem como as interações intersubjetivas e institucionais no espaço escolar. Ao estabelecer as fronteiras entre visibilidade e invisibilidade, os referidos regimes condicionam as performances que ocupam os espaços de sociabilidade.

> Na esfera da sexualidade, regime de visibilidade é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e torna visível certos arranjos amorosos, enquanto controla outras maneiras de se relacionar por meio de vigilância moral, da coibição de sua expressão pública, em suma, pela manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discrição, invisibilidade ou mesmo uma hipervisibilidade obscena (Miskolci, 2017, p.149).

As condições de visibilidade, em relação às categorias de gênero e orientação sexual funcionam nas relações sociais de forma mais ampla e nos espaços escolares de modo particular, através dos mecanismos de reconhecimento social, estabelecendo os limites entre visibilidades e apagamentos. Nesse circuito onde as experiências dos sujeitos são elaboradas, os arranjos cisheterossexuais são fortalecidos, outros ocupam posições intermediárias ou mesmo abjetas.

Nas diversas esferas da vida social, e especificamente no espaço escolar, negociar a visibilidade dos corpos, gêneros, desejos e afetos que não seguem o *script* social funciona como uma estratégia para sobreviver às investidas das lógicas de subalternização das performances de gênero e orientação sexual consideradas dissidentes. Como analisa Miskolci (2014, p. 58):

> Ser ou parecer heterossexual ainda é uma condição necessária para não sofrer discriminação e preconceito. Daí manejar a própria imagem e performatizá-la continua a ser uma experiência comum e poderosa, delimitadora de corporalidade e inclusive de subjetividades, sob constante auto-escrutínio.

Como mencionado por Miskolci (*idem*), ser ou parecer heterossexual funciona como uma importante estratégia para lidar com as normas que regem as experiências sociais e educacionais dos sujeitos. Essas questões se adensam quando adentramos o campo de pesquisa na escola, nos relatos de seus atores e nas relações estabelecidas entre o dentro-fora da instituição.

## 2.1 O SUBSTRATO AMBIVALENTE DA EXPERIÊNCIA DE ESCOLARIZAÇÃO

A experiência de escolarização sob o recorte de gênero e orientação sexual, na escola pesquisada, se constitui nas tramas da ambiguidade que regem os discursos, as performances, assim como o funcionamento intersticial da instituição. Esta escola funciona na modalidade cidadã integral e se mostrou receptiva a nossa pesquisa, fornecendo as condições para observação empírica sistemática de longa duração. Desse modo, embora o trabalho de pesquisa tenha apresentado múltiplas camadas, selecionamos apenas algumas cenas para a análise que estamos propondo nesta seção.

A coleta de informações na instituição foi iniciada em abril de 2022 e se estendeu até o início de dezembro do mesmo ano. A imersão no campo de pesquisa foi marcada por uma relação de cordialidade e incentivo à pesquisa. No contato inicial com a gestão escolar, discursos elogiosos foram proferidos pelo gestor e coordenação pedagógica, bem como a necessidade de se trabalhar essas temáticas nas escolas.

Através das enunciações do gestor e da coordenação pedagógica da escola no contato inicial da pesquisa, assim como através da observação empírica, percebemos a existência de expressões da diversidade de gênero e orientação sexual em circulação no espaço analisado. Esse traço evidencia que os regimes de visibilidade de gênero e orientação sexual em dominância, permitem que a diferença circule na escola (Miskolci, 2017). Entretanto, nas interações intersubjetivas, na organização de filas para receber as refeições, nas filas binárias para acesso aos banheiros, nos figurinos, na paleta de cores utilizada e no funcionamento intersticial das relações estabelecidas pelos sujeitos na instituição, as normatividades binárias de gênero e orientação sexual atuam, mostrando as hierarquias que constituem as experiências destes. As afinidades, as interações, as formações dos laços e vínculos estabelecidos passam pelas posições que os sujeitos ocupam nos espaços sociais e escolares, bem como as performances delineadas pelo funcionamento das normas que constituem a *performatividade* de gênero e orientação sexual (Butler, 2019).

Pensando estas configurações a partir das contribuições de Bourdieu (2007; 2008), os discursos em dominância no tecido social são estruturantes das variáveis em análise e são alimentados por elas; as produzem, organizam, distribuem e consomem conforme os capitais a elas associados, bem como são estruturantes das negociações estabelecidas pelos sujeitos com o campo imanente da economia das

performances de gênero e orientação sexual. A estrutura física, as posições dos banheiros, das salas de aula, dos corredores, os sistemas de monitoramento, fazem parte desses discursos que organizam o espaço escolar e são estruturantes das experiências dos sujeitos, condicionando-as as ambivalências que constituem a sociedade envolvente e a escola. Essas ambivalências tentam costurar a manutenção da *performatividade de gênero*, a *heteronormatividade* e o *respeito à diversidade*, porém é preciso compreender as tramas onde os sujeitos da educação se percebem a partir dessa economia difusa que rege seus corpos, desejos e afetos.

Na cena um, em maio de 2022, uma estudante da escola que se autodefine como mulher trans não-binária, nos procurou para comunicar a proposta de um evento voltado para a temática LGBTQIAPN+ que iria acontecer na escola. Um dos professores já havia nos avisado que aconteceria este evento voltado para esta temática e contaria com a participação do Centro Estadual de Referência LGBT da Paraíba. Na ocasião, a estudante comunicou que aconteceu um caso de compartilhamento de informações entre o gestor da escola e familiares de dois estudantes transgêneros do ensino fundamental e isto gerou problemas para estes nas relações intrafamiliares. A aluna demandava um posicionamento nosso acerca do ocorrido, mas antes de esboçarmos qualquer argumentação, o professor mencionado se aproximou e relatou que as pessoas erram, independentemente da posição de ocupam, enfatizando também que a mesma escola que acolhe as demandas de pessoas LGBTQIAPN+ pode cometer atos como este e fecha sua argumentação afirmando que existe outras instituições educacionais que nem permitem iniciativas voltadas para esta temática.

Ainda sobre essa questão, a professora Marta relatou que houve um momento complicado na escola, sobretudo na ocasião em que as mães dos garotos transgêneros mencionados anteriormente foram convidadas a comparecer a escola e tiveram conhecimento acerca das identidades de gênero que seus filhos se autodefinem. Conforme o relato, eles demandavam da escola o uso do nome social e teriam um relacionamento amoroso considerado expressivo, contudo sem especificar o grau de expressividade. Uma das mães afirmou que desconfiava, mas não tratava claramente sobre essas questões, pois não julgava necessário. Perguntada se permitia o uso do nome social pelo filho, ela disse que não, que não achava que era o momento, mas posteriormente, com mais maturidade, aceitaria e amaria da mesma forma. A segunda mãe foi enérgica, disse que não aceitaria e daria uma surra no garoto. Ao ser indagada pela referida professora acerca do porquê dessa posição, ela afirmou que o homem nasceu para a mulher e a mulher para o homem e, desse modo, não aceitaria uma filha *sapatão*. Trata-se de uma mãe que participa de organizações religiosas evangélicas em funcionamento em Campina Grande- PB.

Mediante a narrativa, evidenciam-se as dobras da ambiguidade que constituem a experiência de escolarização dos sujeitos, as dimensões que tentam articular a diversidade e o controle das expressões da dissidência. A instituição negocia com as normas que regem as performances de gênero e orientação sexual e ao mesmo tempo é tensionada para alargar seus espaços para acomodar a diversidade que se expressa no público atendido. A fala da estudante expressa os mecanismos de questionamentos e resistência às técnicas de poder que atuam através das normas sociais e institucionais, como analisado por Foucault (1987). A fala do professor vem no sentido de negociar com o campo dilemático que se delineia a partir de demandas antagônicas que apontam para a convergência dos valores instituídos através do compartilhamento de informações dos estudantes com às famílias e as demandas da comunidade LGBTQIAPN+ que ocupa o espaço escolar e reivindica reconhecimento e visibilidade.

Ao compartilhar as informações com as mães em relação à transgeneridade de seus filhos, a escola reage as expressões da dissidência em relação à *performatividade* de gênero e orientação sexual (Butler, 2019). Estas reações se estabelecem pelo potencial de questionamento que as expressões supracitadas em relação às normas sociais e institucionais ensejam ao performatizarem formas de desejo e afetos que colocam em xeque as dicotomias e as epistemologias que sustentam a *heteronormatividade*.

As reações das mães são enformadas pelos *regimes de verdade* que organizam as relações sociais e agenciam as performances dos sujeitos (Foucault, 2010). A primeira mãe se colocou numa zona de ambiguidade ao afirmar que desconfiava de uma possível performance dissidente de gênero e orientação sexual, contudo não permitiu a utilização formal do nome social pela escola, embora afirmasse que com o tempo aceitaria, porém, sua aceitabilidade encontra-se condicionada a uma possível maturidade. A segunda mãe aciona a epistemologia religiosa para definir as funções dos corpos, sexos, gêneros, orientações sexuais, desejos e afetos. Ambas acionam os *regimes de inteligibilidade* de gênero e orientação sexual conforme analisa Butler (2019; 2020), ao situar como eles enformam sua compreensão acerca dessas categorias em análise e as posicionam no tecido social. Se existisse uma suposta coerência entre corpos, sexos, gêneros e orientação sexual dos estudantes - de acordo com a heteronormatividade e a performatividade de gênero -, não haveria a necessidade deles esperarem uma maturidade para se expressarem e serem aceitos, porque se trata do modelo-padrão, mas a descontinuidade pulveriza as fronteiras dos referidos regimes e isto desestabiliza os sujeitos e as instituições, se expressando em reações como as mencionadas. Os regimes que regem a economia difusa das performances de gênero e orientação sexual se alimentam dessa ambiguidade,

porque a existência da dissidência reforça a convergência, mas essa precisa ser esquadrinhada e vigiada para que não passe a desempenhar o papel de ameaça às normas em dominância.

A cena dois demonstra as teias discursivas que permeiam a escola no tocante às dobras da ambiguidade da experiência de escolarização sob o recorte analisado. Durante a observação direta de atividades de planejamento dos docentes da área de humanidades, estávamos conversando com o professor responsável por articular as atividades do evento voltado para a temática LGBTQIAPN+ que aconteceria na escola. Ele encontrava-se ao notebook preparando o *card* do referido evento e, neste momento, uma das professoras perguntou o que estávamos fazendo. O professor respondeu, em tom descontraído, "*estamos preparando um cartaz para o evento LGBT. Vamos trazer a ideologia de gênero para a escola*". A professora, então, disse: "*não precisa porque a escola já está cheia. Ninguém sabe mais quem é quem*". O professor riu e seguiu organizando o material.

Estas dobras discursivas, nas enunciações supracitadas, evidenciam as tramas das relações de poder que operam nas interações estabelecidas no espaço escolar. Ao mesmo tempo em que há iniciativas para trazer o debate de gênero e sexualidade para o interior da escola, reações apontam para os supostos perigos que elas representariam. A pulverização dos regimes de inteligibilidade relativos às categorias analisadas neste manuscrito desestabiliza os mecanismos de enquadramento normativo que constituem as experiências dos sujeitos, forjando-os nas tramas performativas reiteráveis socialmente (Butler, 2019).

A indefinição das fronteiras que inscrevem nos indivíduos modos de compreender, performatizar e experimentar as configurações de gênero e orientação sexual coloca em suspeição as tramas discursivas que alimentam a performatividade de gênero articulada à heteronormatividade. Esse deslocamento discursivo tem o potencial de transformar as experiências educacionais, forjando os sujeitos a partir da pulverização fronteiriça, operando na ambiguidade dos modos de interpretação destes. Todavia os enquadramentos discursivos insurgem-se como traço da manutenção do *status quo*, transformando o espaço escolar numa arena de disputa.

A fala da professora a respeito da indefinição das fronteiras normativas de performances de gênero e orientação sexual, aponta para a necessidade de enquadramento normativo para que os sujeitos são se desestabilizem deles mesmos, tampouco borrem as fronteiras dos regimes de verdade que informam as estratégias de produção, redefinição e reconhecimento destes no tecido social. Ao borrar as fronteiras normativas de gênero e orientação sexual, o projeto de sujeito sofre fissuras, abrindo possibilidade de questionamento das normas das quais se constitui.

Como se percebe nas análises de Foucault (2010), o sujeito moderno é um projeto forjado nas teias das relações de saber-poder a partir de uma configuração história. A escola, nesse contexto,

enquanto guardiã das normas sociais, ao mesmo tempo em que se percebe tensionada para alargar as suas fronteiras para acomodar as demandas da diversidade, desloca o projeto de sujeito que a modernidade demanda.

Na cena três, no dia anterior ao evento acerca da temática LGBTQIAPN+, a professora Marta, se aproximou e nos contou que houve uma mobilização dos estudantes no sentido de questionar a decisão da gestão de revelar a transgeneridade de dois estudantes do sétimo ano a suas famílias. Esta ação política se desenvolveu através das redes sociais, espaço em que alguns estudantes da comunidade LGBTQIAPN+ fizeram postagens e marcaram o perfil da escola, acusando-a de transfobia. Esta ação gerou uma reação do gestor e este afirmou que o nome social será permitido apenas para estudantes que forem autorizados pelos pais conforme a legislação vigente. Nesse momento ela relatou que existe uma preocupação da gestão com múltiplas manifestações de afeto entre os dois garotos. Ao final, a mesma afirmou que tem esperanças que o evento poderá trazer maiores esclarecimentos sobre essas questões.

O compartilhamento de informações entre escola e família funciona como um mecanismo que enforma as experiências escolares dos sujeitos dissidentes de gênero e orientação sexual. Através dessa técnica se estabelece uma zona de instabilidade entre os *regimes de visibilidade* e *invisibilidade* referentes às experiências supracitadas. A tensão marcada pela possibilidade desse compartilhamento de informações a respeito de performances que fogem ao *script* da binaridade de gênero e da heteronormatividade estabelece limites para suas expressões no espaço escolar. Um caso de exposição como o mencionado desempenha a função de evidenciar para outros estudantes, na mesma condição, que suas performances de gênero e orientação sexual podem passar pela mesma esfera caso desafiem as normas sociais e institucionais em dominância.

Contudo, as relações de poder não se estabelecem sem resistência conforme amplamente discutido por Foucault (1987). Os estudantes acionam um campo onde eles têm acesso, as mídias digitais e a partir delas estabelecem questionamentos às normas em operação nos espaços escolar e extraescolar. Os mecanismos de controle são tensionados e a reação da gestão, através da legislação vigente, aponta para a manutenção do *status quo*, embora a situação de tensão tenha se estabelecido na escola, com manifestações explicitas de insatisfação de estudantes em seus corredores. Os estudantes expostos gozam de reconhecimento entre seus pares do nome social e isso reverbera nas reações destes para que eles possam ser reconhecidos desse modo pela instituição.

A cena quatro se estabelece a partir do evento com o Centro Estadual de Referência LGBT da Paraíba que aconteceu em maio de 2022, sendo desenvolvido no turno da manhã na escola. No movimento inicial, membros da gestão, bem como um dos professores que organizou a ação

juntamente com os estudantes, fizeram uma breve cerimônia de abertura, passando, na sequência, a palavra para a coordenadora do centro. Neste momento, o público alvo foram os estudantes do ensino fundamental. Estudantes da comunidade LGBTQIAPN+ se pintaram com as cores das bandeiras que os representam e se mostraram muito empolgados com o evento. A coordenadora do referido centro desenvolveu uma apresentação didática das denominadas identidades de gênero, orientação sexual e suas múltiplas camadas em termos performáticos. Ao final, momento reservado para as intervenções, o referido professor tomou a palavra e pediu que o advogado da equipe do centro falasse sobre a legislação vigente no campo educacional, bem como o ECA[2] restringe a autonomia de crianças e adolescentes, destacando as questões referentes ao uso do nome social. Como prevê a legislação vigente, o profissional reiterou a necessidade de autorização dos pais para o uso formal do nome social para pessoas com idade inferior aos 18 anos.

Em relação ao ensino médio, momento que aconteceu após o intervalo da manhã, no ginásio da escola, depois o preambulo inicial feito pela coordenadora pedagógica e o professor supracitado, o ritual de apresentação desenvolvido pela coordenadora do CR[3] se desenvolveu. Estudantes continuaram se pintando na lateral do ginásio, pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ e outros que apoiam a causa. Ao fundo alguns assovios são ouvidos, mas logo contidos pelos professores da escola. No momento das intervenções estudantes tentaram tirar suas dúvidas com a equipe do centro e, neste momento, uma das professoras da escola, também fez algumas perguntas, entre elas uma voltada para a questão do uso do nome social por crianças e adolescentes. Tomando a palavra novamente, a coordenadora e o advogado da equipe reiteraram o que disseram anteriormente acerca do uso do nome social, destacando a necessidade de autorização dos pais conforme previsto na legislação para pessoas com idade inferior aos 18 anos, sendo ainda mais complexa a situação para pessoas com faixa etária abaixo dos 16 anos.

A partir das análises de Foucault (1999), ao analisar a moral vitoriana, destaca-se que colocar em debate as questões voltadas para a sexualidade, não significa o afrouxamento das normas sociais, mas um processo de sofisticação das técnicas de poder que objetivam estabelecer *regimes de verdade* sobre os corpos em suas múltiplas dimensões. A escola promoveu o debate sobre a diversidade, colocando em discussão as expressões das performances de gênero e orientação sexual, ao mesmo tempo em que demonstra o potencial de estabelecer e reiterar as regras que regem a *performatividade* de gênero e orientação sexual. O discurso jurídico é acionado como parte das injunções que potencializa o estabelecimento de uma estabilidade em termos de controle das expressões da

[2] Estatuto da Criança e do Adolescente.
[3] Centro de Referência.

dissidência, bem como retira a instituição da posição de repressora em relação a estas. Desse modo as mobilizações políticas encontram seus limites e podem ser desmobilizadas haja vista o deslocamento proporcionado pela ação desenvolvida.

Foucault (*idem*) destaca que a partir do século XIX a sexualidade ganha ênfase no discurso. Não se trata de reprimir o debate sobre sexualidade, mas de colocá-la em foco como estratégia de governo da população. A promoção do debate sobre sexualidade, bem como sobre as performances de gênero, como apareceu no cotidiano escolar, estabelece pontos de conexão a partir de saberes socialmente legitimados. Os saberes jurídicos, assim como os pedagógicos são acionados para produzir verdades acerca dessas esferas da vida social. O dispositivo da sexualidade articula-se à performatividade de gênero no agenciamento dos sujeitos e encontra na escola seu mote para reiterar as normas que enformam a constituição desses no tocante às categorias analisadas.

A cena cinco retrata as relações de poder que marcam as interações após o referido evento no cotidiano escolar. Observando a escola, o funcionamento intersticial da instituição, percebemos que as assimetrias elaboradas pela *performatividade* de gênero e orientação sexual se mantêm em funcionamento regendo as interações intersubjetivas, os corpos, desejos e afetos a partir da matriz heterossexual. O encontro com um estudante do primeiro ano do ensino médio explicitou algumas camadas importantes desse processo. Na ocasião ele relatou que havia sofrido homofobia por parte do gestor escolar. Seguindo a sua narrativa ele nos conta que estava com um colega sentados abraçados numa sala de aula, ambiente em que também estava um casal heterossexual na mesma posição. Um garoto havia visto eles abraçados e comunicado a uma funcionária da escola que foi até o local e pediu que eles soltassem as mãos imediatamente, sem pedir que o casal heterossexual fizesse o mesmo. O caso, conforme o relato, foi encaminhado para a direção e o gestor os repreendeu. Nesse momento, o garoto argumentou a existência de um casal heterossexual na mesma posição e ele havia dito que apenas eles estavam errados. Amigas do estudante que estavam com ele, no momento em que o relato nos foi apresentado, reiteraram sua fala dando veracidade ao enunciado.

Conforme o relato é possível perceber que os discursos normatizadores que operam nos tecidos social e escolar são dotados de elevado potencial de esquadrinhamento e vigilância das expressões que lhes fogem as normas, produzindo uma espécie de teia de controle destas. Estudantes, funcionários, professores, gestores, todos são recrutados para fazerem funcionar os mecanismos de controle que alinhavam as relações sociais que regem as paradigmáticas performances de gênero e orientação sexual, punindo as dissidências para que as convergências não sejam ameaçadas.

Esse fato despertou nossa curiosidade para observar a escola no sentido de compreender as tramas dos regimes de visibilidade de gênero e orientação sexual conforme as questões apresentadas

por Miskolci (2017; 2014). Nesse movimento, percebemos, ao observarmos o campo que numa mesa próxima a secretaria da escola, casais heterossexuais demonstram afetos e se beijam livremente, sem preocupação com quem passa por ali. Entretanto, casais formados a partir de outras configurações de gênero e orientações sexuais não existem de forma expressiva na escola, embora existam indivíduos que escapam ao modelo-padrão em circulação na instituição.

Enquanto a convergência de gênero e orientação sexual caminha livremente pelos corredores da escola, as expressões da dissidência relativas às mesmas configurações gravitam nas fronteiras, nas dobras da ambiguidade entre visibilidade e sigilo. Nesse campo dilemático, percebemos, ao caminhar pelos corredores, que duas estudantes do segundo ano do ensino médio estão de mãos dadas e em alguns momentos, trocam carícias discretas, mas ao perceber a chegada de alguém elas soltam as mãos e ficam apenas perto uma da outra como se estivessem fazendo algo errado.

Como analisado por Louro (2014), a escola se estabelece como um espaço que classifica e hierarquiza os sujeitos, esquadrinhando suas expressões performativas, sobretudo quando as variáveis gênero e orientação sexual entram em cena. Estas questões apresentadas pela autora ficam explicitas quando se percebe que, no mesmo espaço, estudantes são tratados a partir de pontos enunciativos que os posicionam de forma hierarquicamente diferenciada e seus corpos, desejos e afetos ganham contornos específicos. Alguns podem livremente manifestar afetos nos espaços públicos, outros precisam ocupar o espaço restrito das salas de aula vazias, caso não queiram ter seus relacionamentos vigiados e encaminhados para serem corrigidos pelos mecanismos de controle institucional.

Como aparece na situação descrita entre as duas estudantes do ensino médio, é preciso negociar com esse campo, esconder seus afetos para não experimentarem a abjeção. *Os regimes de visibilidade* analisados por Miskolci (2017) não permite que as hierarquias sejam suprimidas, nem tampouco que as fronteiras de gênero e orientação sexual pulverizadas, restando as negociações que os sujeitos são tensionados a estabelecer para que possam ser nomeados e reconhecidos pelas normas, podendo existir e circular sem terem suas expressões performáticas subalternizadas.

A cena seis apresenta algumas dimensões acerca dos jogos internos da escola que aconteceram em agosto de 2022, momento em que o espírito de competição entre os estudantes ganhou maior ênfase. Em uma partida de futsal por nós acompanhada, dois times que jogavam na modalidade masculina, protagonizaram uma partida equilibrada, na qual as torcidas participaram ativamente. Gritos e assovios eram ouvidos para incentivar seus times e desestabilizar o adversário. Com a vitória do *Real*[4], um dos times que aparecia em destaque na competição escolar, a torcida foi à loucura.

[4] Nome fictício criado pelos autores.

Após mais uma partida com dois times de futsal masculino com as torcidas participando ativamente, entrou em campo dois times femininos. O *Real* feminino jogou com outro time cujo o nome não conseguimos identificar. Neste, um dos estudantes transgêneros do ensino fundamental mencionado anteriormente apareceu compondo a equipe. O jogo começou, mas as torcidas estavam silenciosas como se não estivesse acontecendo uma partida de futsal. A partida acabou com a vitória do *Real*, mas a participação da torcida não foi expressiva, denotando algo com pouca vitalidade.

O estudante transgênero que participou da partida se aproximou de nós, assim como de outros colegas, após o término e nos contou que os seus colegas de turma não aceitaram que ele jogasse no time masculino. Nesse contexto afirmou que teve que se adequar e jogou no time feminino.

Os jogos internos da escola revelam o funcionamento da performatividade de gênero na regência dos corpos, posicionando-os, de forma hierárquica, a partir das tramas das relações de poder. As reações das torcidas durante as partidas de futsal evidenciam como os discursos em dominância no tecido social informam os códigos de masculinidade e feminilidade construídos pelos regimes de inteligibilidade de gênero como aparecem nas análises de Butler (2019). O envolvimento das torcidas durante as partidas de futsal masculino e a pouca expressividade nas femininas, demonstra como as relações sociais e simbólicas organizam as posições dos corpos, gêneros, orientações sexuais, desejos e afetos nos espaços escolar e extraescolar.

A incorporação dos códigos binários de gênero amarra os indivíduos às tramas discursivas que lhes tornam sujeitos reconhecidos socialmente. Com Foucault (2010) entendemos que o sujeito moderno é um projeto forjado através da injunção de epistemologias construídas em um dado contento histórico, orientadas para agenciar as mais variadas instâncias da vida social. A reação tímida das torcidas às partidas de futsal feminino demonstra como as normas sociais operam construindo as posições dos gêneros na sociedade envolvente e particularmente na escola.

Quando enfocamos as dimensões da transgeneridade, essas questões se adensam com a sofisticação dos códigos normativos da performatividade de gênero. No contexto em análise, embora o estudante transgênero que jogou no time feminino de futsal possua certo nível de reconhecimento por seus colegas, inclusive em relação ao nome social por ele escolhido, neste momento, essa dimensão é colocada em suspeição por eles. Percebe-se que a aceitabilidade do mesmo é cambiável, moldada a partir das normas performáticas de gênero. Se aceita que a diversidade circule pelos corredores da escola, mas não que ela ocupe espaços sacralizados onde a masculinidade, historicamente, ocupa posição de destaque como o futsal.

As relações estabelecidas no âmbito escolar, sob o recorte analisado, encontram seu mote nas dobras da ambiguidade. Esta ambiguidade atravessa não apenas a instituição em si, mas todas as esferas

da vida social. Os sujeitos, nesse contexto, são forjados nessa complexa teia de negociação performática que marcam a ritualização das relações sociais.

A cena sete traz elementos que apontam para inflexões acerca das normas sociais que forjam o *script* da dissidência de gênero e orientação sexual. No início do mês de setembro, continuando a incursão na escola, encontramos um estudante do primeiro ano do ensino médio e uma amiga sentados nas mesinhas dispostas pelos corredores da instituição. Ele nos interpelou acerca da temática de nossa pesquisa. Nos aproximamos e iniciamos uma conversa com eles tratando das questões tematizadas pela pesquisa em curso, explicitando o recorte de gênero e orientação sexual no tocante à experiência de escolarização. Neste momento ele afirmou que é gay e se sente feliz sendo quem é, contudo sofreu muito *bullying* no ensino fundamental, sendo insultado por meninos de sua antiga escola. Ao apresentar o relato, sua expressão facial mudou, deixando transparecer uma leve tristeza ao recuperar memórias do processo de violência por ele vivenciado. Sua amiga, então, tomou a palavra e contou que na escola atual existem pessoas que ela considerava desconstruídas, mas com a chegada do amigo à escola, essas pessoas começaram a fazer chacota, debochar dele, numa clara demonstração de homofobia. Ao final afirmou que se sente decepcionada com esse comportamento.

Ao recuperar a palavra, o estudante disse que foram apenas algumas pessoas que promoveram episódios de homofobia na escola atual, sendo, portanto, um contexto menos complexo que na escola anterior. Contudo, recuperou uma experiência na qual desenvolveu uma performance com a mão estendida para uma colega e falou “bate”, tendo seu convite respondido por ela. Neste momento, um dos seus colegas da atual turma, que se autodefine como pansexual, em tom de deboche, disse: “*já imaginou eu me assumir gay e fazer isso*? ”. Ao final do relato, o estudante afirmou não conseguir entender como pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ podem ter preconceito com outras pessoas do mesmo circuito.

Os insultos, as piadas, assim como o deboche no modo pelo qual a dissidência é tratada nas relações estabelecidas no âmbito escolar faz parte do roteiro de violência que os indivíduos são submetidos para se constituírem enquanto sujeitos. Na escola a diferença é percebida e agenciada pelos regimes normativos que orientam as interações intersubjetivas e institucionais. Embora em seu relato o estudante tenha afirmado ser gay e sua felicidade diante de sua orientação sexual, suas memórias de experiências de escolarização demonstram certo nível de desconforto. A heteronormatividade, como ordem social do presente, Miskolci (2017), segue estabelecendo os parâmetros estabelecidos entre ‘normalidade’ e ‘abjeção’.

Esta ordem normativa investe sobre os indivíduos de forma assertiva, modelando o modo pelo qual experimentam e interpretam suas performances de gênero e orientação sexual, bem como

hierarquizam o modo como as pessoas desejam e amam. Os regimes de inteligibilidade referentes às categorias analisadas produzem agenciamentos performáticos que podem ser instrumentalizados para definir as performances de gênero e orientação sexual que borram as suas fronteiras, produzindo a hierarquização dessas por indivíduos dissidentes (Miskolci, 2017).

Tensionados pelas teias da performatividade de gênero articulada à heteronormatividade, os indivíduos forjam as negociações de suas performances e incorporam dimensões da economia das performances de gênero e orientação sexual. O enunciado "*já imaginou eu me assumir gay e fazer isso*?" remente ao funcionamento de regimes de visibilidade heteronormativa, articulados a elementos da passabilidade. Ao questionar a performance do colega, considerando-a demasiado pintosa, portanto inadequada para si, o estudante aciona discursos que permeiam um imaginário que tenta definir o que seria uma performance gay adequada. Assim como as normas socialmente em dominância definem as performances gays como abjetas, na comunidade LGBTQIAPN+ também se estabelecem critérios para aceitabilidade e reconhecimento das mesmas.

Na economia das performances de gênero e orientação sexual, ser ou parecer heterossexual, ou mesmo manter-se numa configuração binária de gênero, assegura a manutenção de capitais sociais e simbólicos capazes de evitar as múltiplas expressões de violência direcionadas aos indivíduos que não seguem o script normativo. Miskolci (2014) afirmou que ser ou parecer heterossexual funciona como uma importante estratégia para não sofrer discriminação e preconceito. Desse modo, o relato analisado evidencia como os indivíduos, mesmo expressando orientação sexual dissidente, são tensionados a estabelecer negociações com as normas em dominância para não serem alvos de suas investidas. Nesse campo dilemático, algumas normas são instrumentalizadas dentro de enunciações de indivíduos que ocupam posições dentro do mesmo circuito.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola moderna, historicamente, funcionou como um mecanismo através do qual as experiências dos sujeitos são elaboradas e reificadas. A experiência de escolarização, nesse contexto, se apresenta como um ponto de convergência para compreender as tramas das relações de poder que atuam na tessitura das performances de gênero e orientação sexual. Através do funcionamento do substrato do *biopoder* operacionalizado através da transmutação das normas sociais em políticas de Estado, articulado as técnicas de disciplinamento dos corpos – *poder disciplinar* -, estas categorias são alinhavadas pelos discursos socioculturais e pedagógicos no sentido de manutenção das dimensões de controle das expressões da dissidência nos espaços escolar e extraescolar.

Numa outra dimensão, as instituições educacionais são tensionadas pelas demandas por reconhecimento social de performances dissidentes de gênero e orientação sexual. Esta realidade não faz parte apenas dessas instituições, mas da sociedade de modo geral e isso promove algum nível de abertura para que o verniz dos discursos voltados para o respeito à diversidade entre em cena. Entretanto é preciso problematizar os limites dos discursos que apontam para a percepção humanista da diversidade, observando em que medida eles conseguem avançar no sentido de redução das hierarquias socioinstitucionais em relação aos elementos analisados, bem como questionar as bases epistemológicas que constituem a *performatividade* de gênero e a *heteronormatividade*.

Nesse cenário, é importante destacar que na instituição analisada existe uma maquinaria ambivalente que tenta costurar o respeito à diversidade ao controle das expressões dissidentes de gênero e orientação sexual. Isso é revelador no sentido de evidenciar que não se trata de relações de causa e efeito, mas de agenciamentos sofisticados que enformam a produção dos corpos e subjetividades funcionais a reprodução das normas sociais e institucionais. Como Foucault (1999) analisou, esses deslizamentos não representam o afrouxamento das normas sociais, mas sofisticadas técnicas poder, capitaneando os discursos que apontam para questionamento no sentido de reproduzir os dispositivos de saber.

Os *regimes de verdade* continuam em operação no espaço escolar, sobretudo através dos saberes pedagógicos. A escola moderna tem esse potencial de assujeitar os corpos e torná-los sujeitos generificados e sexuados. Isso se revela nas técnicas disciplinares, nas interdições, nos arranjos arquitetônicos, na paleta de cores utilizada por seus atores, dentre outras dimensões. Nosso campo demonstrou que, a escola, em termos institucionais atua na *liminaridade* entre o controle das expressões dissidentes de gênero e orientação sexual, enquanto apela para os discursos do respeito à diversidade para responder a uma demanda apresentada por parte da população e de seu público. Nesse campo dilemático, embora a diversidade venha ganhando espaço, a convergência tem preeminência e se expressa como modelo-padrão nas experiências analisadas.

Mesmo analisando parte do cotidiano de uma escola que se constitui como espaço mais aberto para as expressões da diferença, as negociações dos seus atores a da própria instituição revelam a ambivalência que rege esse processo, embora o tratamento diferenciado em relação às performances de gênero e orientação sexual, evidencie as hierarquias em funcionamento no campo.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas:** o que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam:** os limites discursivos do sexo. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito:** curso dado no Collège de France (1981 – 1982). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Revista Bagoas**, Natal, v. 8, n.11, jul./dez. 2014.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais:** uma análise sociológica da busca por parceiros on-line.1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, v.16, fev. 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.